



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



MARIA VICTÓRIA FILIPE GONÇALVES DE MOURA

PROJETO DE TCC- RELATO DE EXPERIÊNCIA

**IDADE NÃO DEFINE VALOR E O ETARISMO EM FOCO: RELATO DA
EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA NO PIBID / EJA**

**MARIANA- MG
2026**

MARIA VICTÓRIA FILIPE GONÇALVES DE MOURA

**IDADE NÃO DEFINE VALOR E O ETARISMO EM FOCO: RELATO DA
EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA NO PIBID / EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Seminário VII: Conclusão de Curso, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.

Professora da disciplina: Profa. Dra. Angelita Aparecida Azevedo Freitas

Professora Orientadora: Profa. Dra. Fernanda A. O. Rodrigues Silva

MARIANA- MG

2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Victória Filipe Gonçalves de Moura

Idade não define valor e o etarismo em foco: relato da experiência de uma oficina no PIBID/EJA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 3 de agosto de 2026.

Membros da banca

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Angelita Aparecida Azevedo Freitas - Avaliadora (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/08/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/10/2026, às 18:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1215475** e o código CRC **217BF244**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.013343/2026-79

SEI nº 1215475

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163

Telefone: - www.ufop.br

RESUMO

Este trabalho apresenta o relato de experiência de uma oficina pedagógica realizada no âmbito do PIBID/Alfabetização-EJA, abordando a discussão sobre etarismo, compreendido aqui como preconceito com diferentes idades. A oficina foi realizada com estudantes do 7º ano ao 1º ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos, com objetivo de promover o diálogo sobre cultura, juventudes, adultez, identidade e direitos no ambiente escolar. Fundamentado em uma perspectiva crítica, dialógica e intercultural, o PIBID/Alfabetização-EJA busca refletir sobre os desafios enfrentados pelos professores e pibidianos ao lidarem com a relação intergeracional, cultural e social desses estudantes, destacando a importância de práticas pedagógicas sensíveis às diferenças e que valorizem as expressões culturais juvenis e adultas. Por meio de uma abordagem teórico-metodológica qualitativa, o relato visa contribuir para a formação docente reflexiva, promover o reconhecimento e o respeito às múltiplas identidades presentes na escola na área da EJA.

Palavras-chave: Educação; Educação de Jovens e Adultos; PIBID; Oficina Pedagógica; Desigualdades sociais.

ABSTRACT

This paper presents an account of a pedagogical workshop conducted within the scope of the PIBID/Literacy-EJA program, addressing the discussion of ageism, understood here as prejudice against different ages. The workshop was conducted with students from the 7th grade to the 1st year of high school in Adult Education, with the aim of promoting dialogue about culture, youth, adulthood, identity, and rights in the school environment. Based on a critical, dialogical, and intercultural perspective, the PIBID/Literacy-EJA program seeks to reflect on the challenges faced by teachers and PIBID participants in dealing with the intergenerational, cultural, and social relationships of these students, highlighting the importance of pedagogical practices sensitive to differences and that value the cultural expressions of youth and adults. Through a qualitative theoretical-methodological approach, this report aims to contribute to reflective teacher training and promote recognition and respect for the multiple identities present in schools within the Adult Education area.

Keywords: Education; Adult Education; PIBID; Pedagogical Workshop; Social Inequalities.

LISTA DE SIGLAS

EJA: Educação de Jovens e Adultos

PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)

UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto

Figura 1: Cartaz da Oficina Pedagógica (2026)	14
--	-----------

SUMÁRIO

Introdução.....	06
Educação de Jovens e Adultos: relações intergeracionais e etarismo.....	10
1.1 EJA.....	10
1.2 Relações intergeracionais.....	11
1.3 Etarismo.....	12
1.4 O relato de experiência.....	13
Relato de Experiência.....	13
Análise.....	17
Conclusão final	18
Referências.....	20

1. Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta e analisa um relato de experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e do primeiro ano do Ensino Médio, no período noturno, em uma escola localizada em um bairro periférico da cidade de Mariana-MG. O estudo baseia-se na experiência em sala de aula e nas observações das práticas pedagógicas em relação à diversidade de alunos que frequentam essa modalidade de ensino, particularmente, o grande número de alunos adolescentes e as relações intergeracionais estabelecidas com jovens e adultos.

A EJA caracteriza-se como um espaço educativo marcado por trajetórias diversificadas, reunindo alunos com diferentes idades, histórias de vida e experiências escolares. Nesse contexto, surgem tensões relacionadas às diferenças geracionais e culturais, que influenciam diretamente as dinâmicas de ensino e aprendizagem. Tensões em torno das diferenças geracionais e culturais existem dentro deste contexto, manifestando-se como desafios para o ensino e a aprendizagem. Uma dessas tensões é o etarismo, que pode ser descrito como discriminação baseada na idade em geral e, mais especificamente, uma atitude que pode ser enfrentada tanto por alunos mais jovens quanto pelo grupo mais velho, resultando em diferenças que levam os alunos a se segregarem, evitarem conversas ou, em alguns casos, alcançarem maior aceitação.

Diante disso, o presente trabalho dá ênfase na análise de uma oficina pedagógica realizada com estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio da EJA, trabalhando o tema “etarismo”. O tema das oficinas visava provocar uma reflexão crítica sobre preconceitos relacionados à idade, conectando o debate com as experiências individuais dos alunos e com a leitura de trechos da obra "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus¹. Esta é uma obra autobiográfica que permitiria uma discussão sobre desigualdades, identidade e resistência, todos temas que ecoam a realidade dos alunos da EJA, razão pela qual a obra foi selecionada.

A problemática que orienta este estudo parte da questão: em que medida os estudantes da EJA apreendem o conceito de etarismo, sendo que as turmas de EJA são frequentadas por estudantes com idades variadas?

¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

A partir daí, a oficina visou compreender de que maneira práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA, especialmente aquelas que respondem a temas atuais e culturas juvenis que abordam relações geracionais, disputas por significado cultural e desafios à prática. Nesse sentido, o trabalho busca refletir sobre como a escola pode se constituir como um espaço de diálogo e reconhecimento das diferenças, ao invés de reforçar estigmas.

A importância da pesquisa está na necessidade de problematizar situações presentes no cotidiano escolar que, embora recorrentes, ainda são pouco discutidas na formação inicial de professores. Ao abordar o etarismo e as relações intergeracionais na EJA, o estudo contribui para a construção de práticas pedagógicas mais estruturadas e sensíveis à diversidade, para o fortalecimento de uma educação comprometida com a inclusão e a justiça social.

A construção deste trabalho está diretamente relacionada à trajetória formativa da pesquisadora no curso de Pedagogia, especialmente às discussões desenvolvidas em disciplinas voltadas aos sujeitos da educação, à diversidade e às identidades. Tais reflexões seriam aprofundadas através do contato com autores como Stuart Hall (2006), cuja perspectiva vê a identidade como construções sociais e culturais, marcadas pela fluidez e multiplicidade. Essa abordagem serve para conceituar os alunos da EJA como seres subjetivos engajados em múltiplos encontros e pertencimentos. Além disso, a obra de Paulo Freire, especialmente em *Pedagogia da Autonomia* (1997), fornece o quadro onde a prática de ensino se torna uma prática dialógica, em vez de transmitir conteúdo sem reflexão crítica, trata-se da construção de possibilidades de construção do conhecimento. Este ponto de vista se cruza diretamente com a experiência da oficina, enfatizando a escuta, o respeito e a valorização do que os alunos sabem.

A literatura citada aqui complementa a análise teórica com trabalhos como o de Nadir Zago (2000), que discute como as escolas em classes populares se desenvolvem, estudos que examinam o multiculturalismo e a interculturalidade, que complicam a compreensão do papel da escola em perpetuar diferenças culturais ou em abordá-las. A investigação de Milene Felisberto é valiosa porque enfatiza o crescente número de membros adolescentes dessa modalidade e os desafios pedagógicos que surgiram em Mariana. Essas contribuições também oferecem uma apreciação da EJA como um local de múltiplas culturas e identidades e do trabalho pedagógico que atende, reconhece e afirma tal pluralidade

Metodologicamente, o trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência que articula revisão bibliográfica e a oficina. O relato tem como as vivências da pesquisadora no PIBID, especialmente na realização da oficina pedagógica,

sendo analisada de forma crítica com influência de Freire (1997), sendo o principal referencial teórico adotado. Os dados incluem observações, registros e reflexões sobre a prática, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos envolvidos e os desafios enfrentados no contexto da EJA.

Por fim, o estudo analisa a oficina pedagógica fundamentada em uma perspectiva interpretativa dialogada com a turma, resultando em uma compreensão mais ampla sobre a diversidade presente, além do pensamento mais claro sobre a intergeracionalidade. Foi possível também dialogar sobre o preconceito dentro e fora da escola.

1. Educação de Jovens e Adultos: relações intergeracionais e etarismo

Neste tópico abordamos o tema relacionado à modalidade da EJA, destacando sua importância como um direito à educação e um espaço de inclusão social. Além disso, discute as relações intergeracionais presentes nesse contexto, marcadas pela convivência de diferentes faixas etárias, experiências e trajetórias de vida. Também aborda o idadismo, entendido como preconceito relacionado à idade, que pode gerar desigualdades, conflitos e exclusão no ambiente escolar. Por fim, apresenta o relato de experiência como uma forma de expressão e resistência, valorizando as experiências individuais e coletivas dentro dos processos educacionais.

1.1 Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino direcionada a indivíduos que não concluíram sua educação na idade "apropriada". Ou seja, ela atende ao direito à educação para jovens e adultos, valorizando suas experiências de vida e promovendo a inclusão social e a cidadania. A EJA foi desenvolvida no Brasil no período colonial com ênfase na alfabetização pelos jesuítas. A partir da década de 1940, a modalidade começou a receber mais atenção das políticas públicas devido à alta taxa de analfabetismo no país. Nesse contexto, surgiram campanhas de alfabetização (1947-1958) seguidas de iniciativas baseadas no pensamento de Paulo Freire (1960-1964) interrompidas pelo golpe civil militar. Os trabalhos de Freire visaram uma educação crítica que realmente se preocupa e lida com a realidade dos alunos.

A EJA agora é protegida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) e constitui um componente da educação básica do Brasil. A modalidade é voltada para estudantes do ensino fundamental e médio para proporcionar educação,

qualificação e participação social. Apesar de seus desafios, como a evasão escolar e a dificuldade de encontrar tempo entre o trabalho e a vida pessoal, a EJA ainda é uma característica central da ideia de igualdade na educação.

1.2 Relações intergeracionais

Relações intergeracionais são definidas por Lago, Almeida e Oliveira (2024): “as relações intergeracionais acontecem em qualquer espaço em que há pessoas de diferentes idades; ressaltamos que não estamos nos referindo ao ambiente familiar. As diferentes gerações, em determinados ambientes, principalmente educacionais, não estão isentas dos embates e conflitos que surgem a partir dessas relações”(p. 136). Trazendo para o âmbito escolar, envolvem estudantes de diferentes categorias etárias, posições, experiências e expectativas que ocupam diferentes espaços. Essas relações são fundamentais para obter insights sobre como as diferenças de idades e trajetórias estruturam as relações nas salas de aula, no campo da pedagogia e na formação da identidade dos alunos. Dada a juvenilização da situação da EJA, a relação entre gerações está no nível central, e destaca os conflitos e oportunidades de convivência entre jovens adolescentes e adultos que ou apoiam ou dificultam os processos de aprendizagem, inclusão e reconhecimento.

Nesse sentido, um estudo realizado por Milene Felisberto na cidade de Marianense, no estado de Minas Gerais, onde a pesquisa foca exatamente nesse tema, a juvenilização da EJA e, como consequência, as relações intergeracionais, que acabam sendo um dos principais problemas dos professores e administradores. Com base nos dados do texto, constatou-se que os alunos mais jovens, adolescentes de 15 a 17 anos, são significativamente diferentes dos alunos mais velhos na mesma modalidade. Outro relatório do autor observa que os jovens na EJA "na EJA não são considerados homogêneos", pois "eles são de uma faixa etária diferente em comparação com um grupo de alunos de 18 a 29 anos" (Felisberto, 2025, p. 92). Essa diversidade de idades cria conflitos, mal-entendidos, dificuldades de convivência, pois os alunos mais velhos geralmente vêm de experiências de vida e mecanismos de aprendizagem diferentes, além de expectativas diferentes relacionadas ao ritmo e metodologias de ensino. Professores e a coordenação reconhecem que tais diferenças geracionais também afetam as práticas pedagógicas e o relacionamento com os alunos. Um depoimento revela que "há diferenças nas motivações para a escolarização e comportamentos de alunos adolescentes e mais velhos" (Felisberto, 2025, p.103).

Quando sujeitos de dois grupos de origens diferentes entram na EJA, sua aprendizagem muitas vezes tem um caráter distinto. Essa divergência pode levar a casos de discriminação ou preconceito, onde os alunos mais jovens são rotulados como imaturos e os mais velhos se sentem desengajados do processo ou são desvalorizados, como apontado pelo gestor, "Integração e diálogo são fundamentais para que as relações se desenvolvam de forma mais harmoniosa" (página 103). Além disso, observa-se que a convivência intergeracional também é um forte preditor da formação de identidade e pertencimento entre os alunos. Se mediada adequadamente, a relação intergeracional pode de fato enriquecer o ambiente escolar na medida em que experiências podem ser trocadas, o conhecimento se torna visível e a comunidade pode ser reforçada.

As relações intergeracionais na EJA representam a complexidade de um contexto caracterizado por pensamentos, caminhos e expectativas variados. Embora essas interações possam levar a conflitos e desafios, elas também oferecem oportunidades para aprimorar o respeito mútuo, o compartilhamento de conhecimento e a construção de um ambiente mais cultural e dialogicamente coeso. Essas diferenças devem ser levadas a sério pelas escolas e profissionais, e políticas devem ser desenvolvidas que facilitem o diálogo, a apreciação das diferenças e permitam que cada geração seja incluída no processo de aprendizagem, levando ao sucesso escolar e ao desenvolvimento de identidades mais fortes e autônomas.

1.3 Etarismo

O etarismo (conhecido como discriminação etária) segundo Horvath Junior e Queiroz (2024), se trata do preconceito contra pessoas de um determinado grupo etário. Isso pode se manifestar em atitudes, palavras, políticas públicas e sistemas de práticas que perpetuam estereótipos sobre pessoas de certas idades. O etarismo é considerado a percepção de que uma certa "idade" é mais ou menos valiosa ou útil do que outras idades e que pessoas dessa idade devem ser excluídas ou tratadas injustamente por outras. Tal discriminação é exatamente o tipo de desigualdade social que mais impacta diretamente a vida pessoal das pessoas, minando sua dignidade individual, oportunidades e direitos básicos. Atitudes "etaristas" são mais pronunciadas no mercado de trabalho, na saúde e nas escolas no Brasil.

Na cultura de trabalho, até temos os idosos percebidos como aprendizes lentos ou preguiçosos para enfrentar trabalhos e são deixados de lado ou prejudicados em termos de contratação ou promoção. A discriminação dos jovens também pode ser refletida em estereótipos que implicam que são irresponsáveis ou imaturos e, assim, dificultam sua

capacidade de serem ativos na tomada de decisões e no engajamento em oportunidades. Esse preconceito também é comum nas escolas, particularmente em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é mais uma relação onde alguns grupos de pessoas podem ser considerados menos qualificados ou dignos de atenção ou reconhecimento do que outros.

O etarismo não só tem consequências sociais e individuais, mas mantém desigualdades e barreiras que limitam uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Ao prejudicar e estigmatizar diferentes grupos etários, a chance de qualquer pessoa contribuir e participar da vida social diminui. Responder a esse diálogo requer que as atitudes mudem e que as políticas públicas sejam questionadas para estabelecer valor em cada fase da vida, não relegar cada fase ao seu fim. Mas quando se trata de educação, especialmente EJA, é necessário haver uma ênfase na educação, por essa razão podemos construir uma cultura de respeito pela diferença entre gerações e igualdade de oportunidades e desafiar estereótipos para desenvolver igualdade e crescimento independente da idade.

1.4 Relato de experiência

Um relato de experiência também se encaixa em uma representação mais completa da vida de alguém, e duas obras podem ser citadas como exemplo: Diário de uma Favelada de Carolina Maria de Jesus (1992) e O Diário de Anne Frank (1929-1945); ambas as duas descrevendo experiências de vida de um indivíduo. No caso da história de Carolina Maria de Jesus, a apresentação das dificuldades materiais, incluindo insegurança alimentar, problemas de moradia ou saneamento, não é o único aspecto, mas a crítica ao poder e à opressão social vivida diariamente por mulheres negras nas periferias urbanas já tornou uma experiência personalizada parte da agenda de resistência coletiva. O diário de Anne Frank retrata como deve ter sido a vida diária de Anne Frank na Segunda Guerra Mundial, no qual ela escreve como os nazistas perseguiram os judeus, mas também tentavam ativamente torná-los um alvo, revelando, por meio da escrita, os efeitos psicológicos e sociais da opressão. As duas histórias demonstram, dessa forma, como escrever sobre a vida cotidiana se torna um instrumento de denúncia, resistência e criação de conhecimento coletivo. De forma geral, Anne e Carolina são típicas de relatórios de experiência, sendo definidas pela avaliação contínua de si mesmas e pela autodefinição.

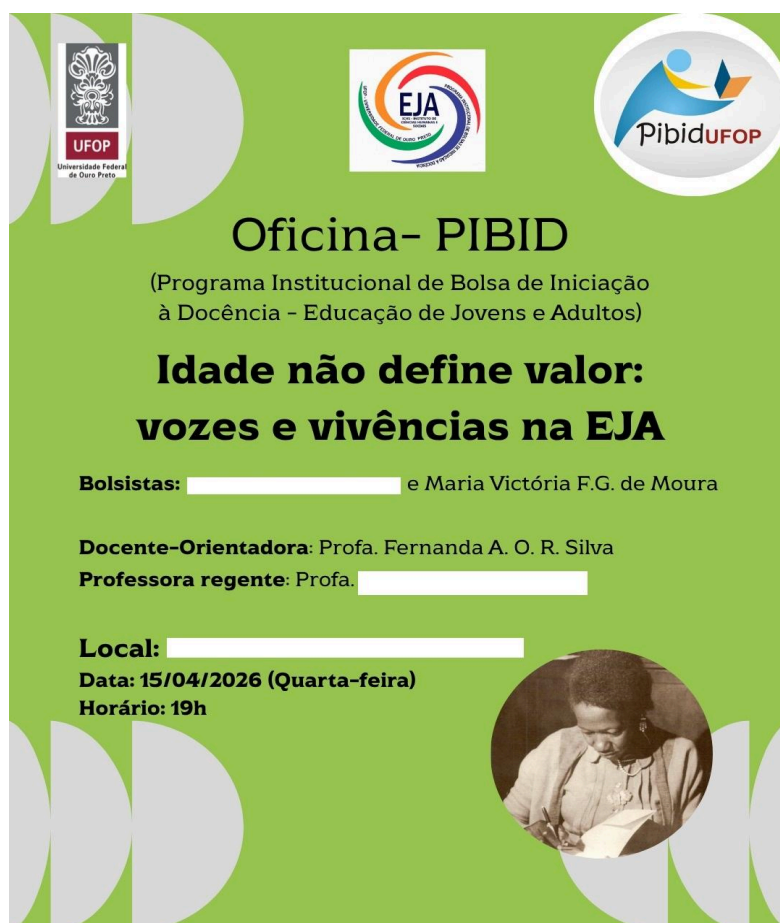
2. Oficina Pedagógica: “Idade Não Define Valor: Vozes e Experiências na Educação de Adultos”

Este tema apresenta o relato da oficina pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), realizada com alunos da EJA em uma escola marianense. A atividade foi planejada e executada por uma dupla de participantes do PIBID como parte das ações desenvolvidas junto à modalidade, visando promover reflexões sobre o etarismo e suas manifestações no cotidiano social e escolar.

A oficina foi intitulada “Idade Não Define Valor: Vozes e Experiências na Educação de Adultos” e buscou proporcionar um espaço de diálogo sobre preconceitos relacionados à idade, valorizando as diferentes trajetórias dos indivíduos presentes na EJA. A escolha do tema estava relacionada às discussões previamente realizadas pelo professor responsável com as turmas, durante as quais foi possível identificar a relevância de aprofundar o debate sobre como jovens e adultos se percebem e percebem os outros em relação à idade.

2.1 Preparação

Figura 01: Cartaz da Oficina



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A preparação da oficina começou com observações durante as atividades do PIBID na escola. O professor responsável já havia mencionado anteriormente, de passagem, sobre o etarismo, o que chamou a atenção tanto dos alunos quanto dos participantes do PIBID. Como a EJA reúne pessoas de idades, experiências e estágios de vida muito diferentes, assumiu-se o potencial para que o debate se expandisse sobre o que já havia sido discutido. O tema selecionado também estava intimamente relacionado à validade social: o etarismo não está confinado dentro da escola; pelo contrário, existe em outras partes da sociedade. Não foram identificados conflitos específicos nas observações entre os alunos jovens e adultos. Pelo contrário, havia uma convivência respeitosa. Mas surgiram comentários relacionados às suas próprias fraquezas, com alunos adultos expressando regularmente frases como "Eu não consigo" ou "Eu sou lento", mostrando um estereótipo associado à idade.

"Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada" de Carolina Maria de Jesus foi escolhido para a atividade a ser desenvolvida. A escolha se deu pelo fato de ser uma história sobre preconceito, desigualdade e os processos de exclusão social e, dá espaço para explorar vários sistemas de discriminação. Foi utilizado um trecho de 24 de julho, no qual a autora relata cenários de julgamento e preconceito para leitura, o que ajudou a ligar as experiências descritas pela autora e as experiências dos alunos. A oficina foi dividida em duas aulas contínuas de cinquenta minutos que duraram cerca de uma hora e quarenta minutos, variando das 18h40 às 20h20. Participaram aproximadamente dezessete alunos do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio da EJA, incluindo aproximadamente 5 mulheres adultas entre 30 e 50 anos, além de alunos jovens e adolescentes.

2.2 Aplicação

A aplicação da oficina ocorreu em abril de 2026 e a professora regente esteve envolvida durante todo o processo. Os quatro grupos de estudantes foram formados inicialmente, cada um consistindo de três a cinco participantes. A formação dos grupos pareceu ocorrer naturalmente, mostrando uma tendência a se agrupar de acordo com a idade. Os estudantes mais jovens foram encontrados principalmente com outros do seu grupo, enquanto os adultos foram agrupados individualmente, embora dois grupos fossem mais diversificados.

Iniciamos a atividade com um círculo de discussão que perguntava aos estudantes o que eles sabiam sobre o termo "etarismo". A professora principal já havia abordado a questão, mas poucos participantes tinham uma definição clara para preconceitos relacionados à idade.

Em seguida, foi apresentada a vida de Carolina Maria de Jesus, incluindo elementos de sua vida, a Favela do Canindé e as lutas da autora. Durante esse processo de contextualização, um trecho da obra "Quarto de Despejo" foi lido e discutido com o objetivo de fazer a conexão entre os preconceitos da escritora e outros tipos de discriminação social. Os grupos foram então convidados a comentar sobre as expressões que apresentavam estereótipos e preconceitos baseados na idade. A ideia era reescrever as afirmações de uma maneira positiva e respeitosa. Por exemplo: "Adolescentes não sabem de nada" e "Você é muito velho para estudar", as frases foram trabalhadas. Os estudantes transformaram essas frases em mensagens como "Adolescentes sabem de tudo" e "Nunca é tarde para aprender".

O que se destacou nas discussões foram as contribuições dos participantes. Um jovem estudante disse que houve o tempo todo que adolescentes são irresponsáveis, não querem nada na vida e têm muito a aprender. Para os adultos, as pessoas mais velhas também estão sendo discriminadas, particularmente em questões como o uso de tecnologia, sendo consideradas incapazes de aprender ferramentas digitais. Embora ela tenha mais obstáculos a superar, isso não é motivo para que ela não possa aprender, segundo seu relato.

Após a atividade de reescrita, os grupos colaboraram na composição de um cartaz com frases geradas pelos estudantes. Os materiais foram posteriormente expostos em um mural no topo da escada da escola, e outros estudantes e funcionários da escola puderam ver as reflexões feitas através do trabalho coletivo.

2.3 Avaliação

A avaliação foi desenvolvida através das observações feitas durante a realização do exercício, juntamente com reflexões desenvolvidas após a atividade. Muitos alunos pareceram tímidos durante a primeira tarefa, mas claramente que mais alunos participaram após o início, especialmente ao trabalhar no cartaz.

Os três alunos adultos que estavam mais engajados na discussão acrescentaram comentários críticos e experiências pessoais relacionadas ao tema, aprofundando a discussão e ampliando os conceitos para a compreensão do etarismo. Suas intervenções permitiram que outros participantes questionassem preconceitos que são prontamente aceitos na sociedade. Ao final, foi observado que os alunos tinham uma noção mais clara do etarismo e pensavam

de forma mais racional sobre como ele afeta pessoas de diferentes idades. Também ficou evidente que mensagens de apoio, afirmando o valor da capacidade individual, independentemente da idade da pessoa, foram reforçadoras. Além disso, a atividade foi observada como um estímulo para que os alunos continuassem investindo em seu trabalho pessoal e educacional e entendessem que a idade não deve ser interpretada como uma restrição em seu aprendizado.

3. Análise

A Análise da Experiência. Foi através das atividades durante a oficina que conexões fundamentais com as teorias nas quais este trabalho se baseia puderam ser estabelecidas. A primeira forma como as conversas foram apresentadas está fundamentada na discussão e está intimamente relacionada a Paulo Freire (1996), suas visões sobre a educação como uma prática dialógica e emancipatória. O conhecimento não foi transmitido de forma unilateral durante o processo. Os alunos foram incentivados a refletir sobre seus próprios passados, falar e imaginar novamente sobre as situações que enfrentaram, construindo coletivamente novas conexões. O ato de reescrever frases preconceituosas serve como exemplo desse movimento, onde os alunos geraram suas respostas com respeito e compreensão do diferente. Eles estão, até certo ponto, ajudando nesse processo de reflexão porque não estavam preparados para dar respostas instantâneas, mas nasceram da conversa e da escuta. Essa visão está de acordo com a suposição de Freire de que ensinar não é a transmissão de conhecimento, mas a produção de possibilidades.

A experiência pode ainda ser analisada através da lente fornecida por Stuart Hall (2006), que descreve as identidades como formações sociais e culturais que evoluem constantemente. Esse não foi o caso dos alunos, cujos comentários revelaram que discursos sociais que conectam certas características a fases de desenvolvimento específicas afetam percepções sobre juventude e idade adulta. Por exemplo, ao desafiar "adolescentes não sabem nada" e "você é muito velho para estudar", o trabalho permitiu questionar estereótipos que tipicamente fixam identidades e limitam o potencial de uma pessoa.

Em tais conversas, pudemos chegar à conclusão de que habilidades, conhecimentos e experiências não são determinados pela idade. Eles são contingentes à trajetória tomada, no entanto, para cada indivíduo. As reflexões de Nadir Zago (2000) sobre EJA também lançam luz sobre a diversidade vista neste campo. Como dizem na oficina, os alunos tinham histórias de vida diversas para se adequar às suas próprias circunstâncias e também enfrentaram muitos desafios relacionados ao trabalho, casa e escola. Apesar de tais dificuldades, eles estavam

persistentemente buscando uma educação e enfatizaram o valor atribuído à educação em seus projetos de vida. Também pode ser de relevância intergeracional. Embora não tenham sido notados antagonismos entre os adolescentes, jovens e adultos, foi uma característica de sua formulação espontânea de grupos com cada um de seus participantes do mesmo grupo cronológico. Essa característica indica que, no contexto de convivência respeitosa, existem técnicas e nomes estabelecidos a partir da interação de gerações. Essa observação interage com a pesquisa de Milene Felisberto sobre a juvenilização da EJA e com os problemas associados a ser sujeito a idades diferentes. Como se transpôs, apenas porque gerações coexistem não significa qualquer tensão; ao contrário, requer práticas pedagógicas que possam honrar e valorizar as características especiais de ambos os grupos.

Outro ponto abordado no workshop foi que a EJA é um espaço onde uma variedade de jornadas, experiências e expectativas vivem. Em uma organização como esta, o trabalho pedagógico precisa levar em conta as particularidades dos sujeitos com os quais lida e promover diálogo, participação ou reconhecimento mútuo

4. Conclusão

O conhecimento adquirido durante a participação no PIBID me levou a uma compreensão significativa sobre o valor de educar professores a longo prazo para melhor prepará-los para seus trabalhos, especificamente no campo da EJA. A exposição diária às práticas de ensino e aos desafios observados e enfrentados na escola ajudou a enfatizar sua importância para a preparação e sensibilidade aos diferentes caminhos de vida dos alunos. questões como o etarismo se tornam indispensáveis, importantes para desenvolver um contexto sobre como os alunos encontram barreiras na escola e além. Foi também apenas durante meu tempo conduzindo uma oficina pedagógica sobre etarismo que reconheci a importância de refletir criticamente sobre como as escolas poderiam desenvolver uma cultura de respeito pelas diferenças geracionais. Esses alunos muitas vezes refletem os estereótipos de pessoas que reforçam o preconceito contra idades diversas, reforçando uma perspectiva segregadora e excludente, muitas vezes através de comentários ou atitudes. O educador deve então estar pronto para conversar com e resistir a esses discursos, promovendo uma percepção mais sutil das vidas dos indivíduos.

Dada essa experiência, o PIBID ajudou na construção de uma educação mais ampla e enriquecedora que respeita a escuta, o diálogo e os alunos e seu contexto de experiências de vida. E como a prática da pedagogia na EJA revela, o ensino não pode ser simples. Os

professores devem estar prontos para responder à pluralidade de idades, histórias e conhecimentos que cada aluno traz para a sala de aula. Essa preparação não significa apenas familiaridade com as teorias e abordagens, mas também requer consciência social e cultural que possa apoiar a inclusão e o respeito pelas diferenças.

Nesse ponto, o Programa PIBID teve um efeito muito significativo ao aprofundar meu entendimento sobre os professores e seu papel na criação de uma cultura escolar mais acolhedora e justa. Ao longo do meu exercício reflexivo, tornou-se evidente para mim que o espaço escolar poderia e deveria ser uma plataforma onde a resistência dos alunos e a afirmação de diferentes identidades sejam vistas. Outra coisa importante que descobri a partir dessas experiências, foi a importância da educação continuada. O que provamos é que trabalhar na EJA requer mais do que conhecimento teórico isolado; é um método interconectado, crítico e humanizado. O fato de haver uma diversidade de perspectivas entre alunos de diferentes idades, de diferentes experiências de vida, também sugere que o professor deve ser capaz de periodicamente atualizar, revisar e ajustar seu método para estar mais sintonizado com as reais necessidades de aprendizagem dos alunos. Assim, para iniciar a implementação da formação inicial, deve-se estar em conjunto com processos de formação contínua, como treinamentos periódicos no trabalho para aprender as particularidades e habilidades, e obter a capacidade de lidar com as complexidades desse tipo de educação.

Por fim, posso afirmar com totalidade que todo o processo de formação, além das experiências do PIBID, me fizeram uma futura profissional com um olhar mais sensível e metodológico para a educação, em especial na Modalidade da EJA

6. REFERÊNCIAS

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Tradução de Mirjam Rothenberg. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FELISBERTO, Milene. “**Agora somos nós que temos que correr atrás dos nossos sonhos” no adolescer na Educação de Jovens e Adultos: migração de estudantes para o noturno em Mariana (MG)**”. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação em Educação, Mariana, MG, 2025.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HORVATH JUNIOR, Miguel; QUEIROZ, Vera Maria Corrêa. **Vista do Etarismo à luz do princípio da dignidade da pessoa humana**. Revista Brasileira de Direito Social - RBDS, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 95-110, 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LAGO, Cristiani Castro do; ALMEIDA, Valcineide Santos de; OLIVEIRA, Cleide Pereira (org.). **A EJA no município de Salvador: contextos, olhares e possibilidades**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. E-book (PDF). ISBN 978-85-7221-189-5. DOI: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-189-5>

ZAGO, Nadir. **Família e escola: trajetórias escolares nas camadas populares**. Campinas: Papirus, 2000.